

Luís Eulálio critica maior tributação para empresas



PORTO ALEGRE — "É a última vez que como contribuinte aceito passivamente aumento de impostos para redução do déficit público". Esta foi a reação do Presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), Luís Eulálio de Bueno Vidigal, diante da elevação da carga tributária determinada pelo novo pacote econômico do Governo para grandes empresas.

O importante é que haja correspondente sacrifício do Governo no controle dos gastos públicos. Como membro do Conselho Monetário Nacional (CMN) pretendo votar contra qualquer nova proposta de aumento da carga tributária, como forma de reduzir o déficit público.

Como "grande contribuinte", o Presidente da Fiesp aceitou, porém, a decisão oficial de aumentar a alíquota do Imposto de Renda para as pessoas físicas das faixas mais elevadas de rendimento. Lembrou ser grande o índice de sonegação do tributo, especialmente nas faixas salariais mais altas, o que, no seu entender, deveria ser combatido pela Receita Federal com uma fiscalização mais rigorosa.

O Presidente da Fiesp destacou dois itens do novo pacote econômico que "deveriam ser mais bem analisados": "a antecipação do recolhimento do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI) para as indústrias de cigarros e automobilística e a antecipação do recolhimento do Imposto de Renda para pessoas jurídicas".

— As empresas de médio porte podem ser afetadas, porque o parâmetro de lucro é alcançado por firmas deste nível. Desta forma, poderá haver uma redução nos investimentos destas empresas no próximo ano.

Para o industrial paulista, a taxação dos ganhos de capital poderia ter sido maior do que a prevista no pacote.

— Mas, por enquanto, vamos deixar os amigos da Bolsa tranquilos.

Quanto aos gastos públicos, o empresário considerou insatisfatórias as medidas anunciadas pelo Governo, "porque é preciso equilibrar receita e despesa com a redução da despesa".

Em relação à inflação, Luís Eulálio atribuiu o alto índice de novembro — 14,5 por cento — à estiagem, "que fez com que os preços dos produtos agrícolas subissem, tornando este um mês atípico". Na sua opinião, a inflação deste ano ficará em 226 por cento.



Arthur João Donato (direita), Albano Franco e Octávio Vieira ouvem o discurso de Sarney